



TODOS OS GÊNEROS DE VIOLÊNCIA

Publicado originariamente em 06.12.2017

Estávamos na mesa ao lado. Tavinho Barone e Lula Ferrara conversavam em voz baixa, moços educados que são. De vez em quando pareciam discordar, às vezes ficavam veementes, mas tudo baixinho, polido. Não resistimos; disfarçadamente chegamos nossas cadeiras mais para perto da mesa deles até dar para ouvir. Entretidos na conversa, não tinham olhos para mais nada.

— Pô, Tavinho, esse negócio de UFC está intoxicando todo mundo de violência, e você é muito sensível às influências; não entendi essa de poesia. Tem dó! E escrevendo ‘seus profundos olhos castanhos’?

— Você tava comigo, então também gosta de violência...

— Mas eu não me meto a poeta. E antes que me esqueça, não gosto de violência. Não me deu prazer nenhum ficar até praticamente de manhã vendo o sujeito esborrachar a cara do Zé Aldo, antes aquele brutamontes dar o sopapo radical no outro brutamontes, depois voar sobre ele, caído, barriga para cima, e dar aquele soco de bigorna com a parte de baixo da mão fechada na cara do super-herói, tão forte que a cabeça dele quicou como uma bola. Se não fosse o árbitro correr para tirar o agressor, ele próprio, árbitro, assustado com a violência, o mostrengo teria esmigalhado a cabeça do outro. E ainda teve aquele gaiato em shorts amarelos que caminhou pro ring todo alegrinho distribuindo beijos de amor, e saiu com a cara transformada numa pasta sangrenta.

— Não fala sopapo, Lula, nem agressor, isso em UFC é ridículo! Foram duas porradas da melhor qualidade. Às vezes gosto de pensar que aquele gorilão é imbatível. E...

— Você já tinha visto ele brigar, elegância?

— Ô, Lula, para com essa amadorice de brigar! Aquilo foi luta, uma grande luta, por sinal.

— Ah, sei, sei!

— Então, delicadinho, por que aceitou o meu convite para assistir à luta?

— Nunca tinha visto tamanha estupidez, a platéia urrando de entusiasmo com aquela sangueira; me lembrou um filme chamado Rollerball, com aquele cara que fez o filho violento do Marlon Brando em O Poderoso Chefão. E aquele psicopata ensandecido com a visão e o cheiro de sangue que transformou a cara do sujeito em shorts amarelos naquela maçaroca de carne dissolvida em sangue? Fiquei imaginando aquele narrador, tem jeito de bom moço, sem hífen, no bom sentido; deve ser casado, ter filhos, como chegaria ele em casa depois do entusiasmo narrativo de tanta estupidez, como acariciaria um filho, o caçulinha? Pô, meu, o que não se faz para assegurar o pão de cada dia! Pelo menos, e ainda bem, que não foi à tarde.

— Por que à tarde?

— Atualize-se, Tavinho, atualize-se.

— Eu faço isso, Lula, eu faço. Você viu o noticiário de ontem à noite?

— Não, detesto assistir peças promocionais fora de contexto.

— Pois devia ter visto. Foi por isso que hoje de manhã, poetando, eu escrevi ‘seus profundos olhos castanhos’. É uma verdade que só eu e os privilegiados vemos. Achei o máximo, ontem!...

— O que você achou tão bacana?

— Os discursos, Lula, os discursos; aqueles senhores são profundamente metafísicos, vêm coisas que só eles, com sua visão de linco, conseguem enxergar. Pô, Lula, você sabe que eu não sou chegado a terrorismo! E tem mais, ‘mermão’, é tudo gente culta, tem que imitar, aprender com eles. É tudo gente esperta...

— Ô!!!... Tavinho?

— Hein?

— Tô ficando preocupado...

— Fica não, atualize-se, atualize-se. E tenha amigos propagandistas, aí você, quem sabe, chega no tapetão, e...

— Que gestos são esses? Eu nunca o havia visto fazendo-os.

— Você não viu, distinto, não viu. Demais!...

— Tudo bem, tudo bem! Mas o que tem isso a ver com ‘seus profundos olhos castanhos’?

— Cria imagens poéticas, transcendentais, que ultrapassam essa coisa boba e desinteressante a que chamam verdade e realidade, como fazem aqueles senhores metafísicos e seus amigos propagandistas.

— Imagens poéticas, Tavinho?

— Claro, Lula, você precisa ver.

— Ver o quê, Tavinho?

— Os olhinhos vivos da gente esperta saltando ‘daqui’ ‘prali’, as palavras fluindo, dizendo coisas que não precisam decorrer dessas realidades mesquinhas, essa coisa banal da verdade, uma chatura, que um tal de John Billings aí cismou de dizer que as verdades são extremamente mais numerosas do que as demandas por ela, você vê? Quem não é amigo, não desse tal de Billings, um chato, não consegue alcançar. Há gênios, Lula, que se exteriorizam sem limites, de modo quase automático, sua inspiração não provindo das ideias comuns, desse dia a dia massacrante, dessas necessida-des e expectativas absurdas do que chamam de povo, algo que não tem cara, voz própria, que só existe para ser manipulado. Houve um momento grandioso que chegou a me fazer ouvir o hino da União Europeia, você sabe, me emociono só de imaginar os acordes iniciais fazendo o fundo daquela cena magnífica; naquele momento me senti igual àqueles senhores, seu amigo, um dos privilegiados que conseguem entendê-los.

Àquela altura Tavinho Barone parou de falar, seus olhos cravaram-se num ponto qualquer acima da cabeça de Lula Ferrara, seus olhos, muito abertos, marejados, brilhavam, refletindo a luz clara do ambiente.

— Tavinho?

— Hein?

— Você tem ido ao seu médico?

— Não, eu não tenho tido tempo. Depois, eu ando achando que a patologia que me foi atribuída por aquele pateta daquele médico e por essa gente louca que vive conspirando contra mim é puro pretexto para me diminuir, abalar a minha autoestima.

— Com que finalidade, Tavinho?

— Inveja, meu amigo, inveja.

— Inveja de quê, Tavinho?

— Você já esqueceu das coisas que eu tenho dito mais recentemente? Eu sou normal, Lula, eu sou normal, disse Tavinho Barone elevando o tom da voz.

Entreolhamo-nos. Silenciosamente voltamos as cadeiras para junto de nossa mesa. Tavinho Barone, olhos esquecidos olhando para um ponto perdido olhando de todos, à sua frente Lula Ferrara, como se ali não estivesse, olhando calado e consternado para o amigo.



Obrigado, Butantan. Estaria pior. Sem vacinas em quantidades suficientes tempestivamente adquiridas, sem a vacinação iniciada nos últimos meses de 2020, perfeitamente possível, e sem vocês, estaríamos, hoje, recolhendo cadáveres pelas ruas. Ou não.

O ungido do Deus dos Exércitos continua sendo esperado, não chegou, e dizer-se que sim, chegou, mas o seu povo não soube reconhecê-lo, é no mínimo desrespeitosamente genérico e vago. Mentira seria o termo adequado, mas muito pesado. Damo-nos o respeito, por isso não faltamos ao respeito. O Ungido é, tem de ser, um vencedor; não faz sentido o Filho do Senhor da Guerra, nu, dependurado na cruz aviltante dos perdedores, dos vencidos, murmurando num lamento final e revelador:

— *Eli, Eli, lamá Sabactani!* Em aramaico, Pai, Pai, por que me abandonaste? E não ‘em tuas mãos entregue o meu espírito’, outra grande descaracterização da realidade histórica, uma expressão untuosa, para não ser desrespeitoso.

As versões da praxe são versões capciosas elaboradas quando a ignorância e o analfabetismo giravam em torno dos 95% (noventa e cinco por cento) das populações. Parte dos 5% (cinco por cento) restantes, os “que escolhiam”, ao não aceitarem intromissões em sua crença, simplesmente por discordar da ordem vigente, eram queimados em praça pública na maior e mais ignominiosa brutalidade de toda a história da humanidade. E eram queimados em função da ordem recebida pelo Braço Secular, que executava as sentenças de morte, no sentido de não haver derramamento de sangue.

A rigor, portanto, no trato formal, não há anticristos porque o seu oposto jamais existiu. Na antiguidade judaica não era raro o aparecimento de falsos salvadores. O tratamento a eles dispensado era o tratamento da época. Cada povo com o seu uso, nas épocas em que consagrado.

O que temos a esse título são farsas que se manifestam agressivas nestes nossos tempos ditos civilizados. Não são salvadores, são ferrabrases equivocados com incontrolável tendência para os malfeitos. No exato momento em que redijo este texto no computador ele é, máquina invadida, seguidamente copiado, não se precisa dizer o quanto é repugnante tal prática. Para eles é normal. Morrer gente aos milhares e desnecessariamente também. Um programa?

Demo-nos um tempo, precisamos respirar, estamos emocionalmente extenuados pela pavorosa tragédia que nos mantém acuados. Por um pouco, fixemo-nos no texto bíblico, o antigo, Eclesiastes: Goza sob o Sol, com a mulher que amas, o fruto do trabalho com que te afadigaste. Já é noite quando estou postando este artigo; o Outono, avançando, traz consigo o tempo do aconchego, aconcheguemo-nos, pois. De vez em quando componho; ultimamente escrevi versos em francês e inglês para a minha ‘Você e Eu’. ‘Viens’, da qual reproduzo abaixo uns retalhos, compus direto em francês.

É noite, pensa na mulher que amas, aquela mulher decidida, mas terna e amiga que te diz palavras de encorajamento, ou se a tens frágil e doce, a tua companheira de vida. Quando escrevi o que lerás abaixo, em parte, eu pensava na mulher que amo. Descansemos da nossa tragédia nacional no aconchego da mulher dos nossos amores. Do alto da sua dignidade ela nos retempera, nos recicla, estimula-nos quanto ao melhor do que somos, que por ela nos é extraído.

*Viens, mon amour,
Tu,
Mon trésor, ma vie,
Thème d’amour,
Ma douce mélodie,
Raison d’être de ma pensée
Commencement de ma éternité.*

Je veux crier
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Il est impossible d’être sans toi.

Num próximo momento, amanhã, na próxima semana estaremos restaurados. Por ora digamos apenas

Viens, mon amour...

